

A importância de uma amizade: Um homem ajuda Deus

Luciano Andrade de Souza (*)

E constrangeram um certo Simão, Cireneu, pai de Alexandre e de Rufo, que por ali passava, vindo do campo, a que levasse a cruz.
(Marcos, 15:21)

A cruz estava por demais pesada; a respiração ofegante e cada vez mais difícil... Suas costas doíam. Os músculos se recusavam a atender os comandos do cérebro. Os espinhos penetravam em sua cabeça cada vez que a madeira tocava a coroa e a dor era terrível: parecia que a cabeça ia explodir. O sol forte minava a cada instante suas energias; a gritaria da população exaltada impedia a concentração na missão. A dor parecia insuportável, mesmo para o filho de Deus.

A caminhada estava difícil. Jesus não encontrava mais forças para se levantar. Parou por um instante... Seu corpo curvado e inerte estava acomodado: não encontrava mais justificativas para continuar. Sua cabeça estava baixa, seus olhos vazios e sem expressão. Começava a perder as esperanças no homem. Ele não precisava passar por nada daquilo e não precisaria de nenhum esforço para fazer cessar todo o sofrimento, toda a dor, cansaço, humilhação, medo, angústia. E nem mesmo precisaria gritar para que os anjos o socorressem. Bastava apenas desejar, querer que tudo acabasse. Bastava apenas dizer: **chega!** Neste instante, milhares de anjos viriam ao seu encontro. Retirar-lhe-iam a cruz, curar-lhe-iam as chagas, umedecer-lhe-iam boca e garganta; erguer-lhe-iam da terra e o colocar-lhe-iam em situação de total segurança. Livrar-lhe-iam, de uma vez por todas, de todo o sofrimento.

Perguntas que nunca foram feitas começavam a impregnar sua mente: Por quê? Será que vale a pena? Jesus parecia desestimulado e por um instante achou que tudo aquilo não fazia sentido. Dúvidas começavam a surgir. Quem sempre confortou, quem sempre orientou e ensinou agora estava precisando de ajuda. Foi aí, nesse momento crítico, que um amigo apareceu em seu caminho. Um certo Simão que por ali passava, vindo do campo, se compadeceu do sofrimento daquele homem e

se dispôs a ajudá-lo. Simão não conhecia Jesus, nem mesmo teria ouvido falar dele, mas se dispôs a minimizar o sofrimento daquele que lhe parecia justo.

Simão era de estatura mediana e tinha o corpo franzino. Já tinha trabalhado o dia todo no campo e se dirigia para sua casa para estar com sua família quando a gritaria da multidão chamou sua atenção. Procurou saber do que se tratava. Não era uma crucificação qualquer, pois um ato até certo ponto corriqueiro daqueles, certamente, não atrairia tanta gente. Observou a caminhada de Jesus atentamente, viu o seu corpo em frangalhos e viu quando ele parou e caiu de joelhos no chão. Percebeu que Jesus não tinha mais forças para continuar. A cruz de madeira maciça estava encostada no chão e o homem embaixo dela não parecia disposto a levantá-la. Simão correu em direção à multidão, atravessou a corrente formada por curiosos e soldados romanos e chegando ao lado daquele condenado disse com voz suave como se quisesse animá-lo: ***não se preocupe, eu vim ajudá-lo a levantar a cruz e terminar logo o seu sofrimento.***

A cruz não parecia tão pesada e Simão, embora de estatura baixa, pensou que, certamente, poderia erguê-la. Abaixou-se e colocou seu ombro estreito embaixo da viga mestra da cruz. Fez toda a força que pôde, seu rosto se contraiu e a cruz nem balançou. Procurou uma nova posição, mas não adiantou. Tentou erguer a pesada cruz com as mãos. Pensou que com a cruz já no alto poderia colocá-la em seus ombros e com a ajuda de seu corpo poderia carregá-la por alguns metros. Esforçou-se o máximo que pôde, pois desejava minimizar, nem que por alguns instantes, o sofrimento daquele homem. A madeira não se movimentava, apesar de toda força empregada; parecia está fixada no chão. Foi inútil a tentativa. Procurou, então, levantar a parte de trás da cruz. Para isso, teve que contornar os soldados romanos pedindo humildemente licença. O esforço foi em vão mais uma vez. A pesada cruz sequer se mexia.

Já estava suado e começava a se angustiar. As pernas tremiam. Não demoraria muito e os soldados romanos, cansados de esperar pela ajuda oferecida o afastariam de perto daquele condenado a chutes e açoites. Esse pensamento o afligia... Precisava ajudar, pois não aceitava que um homem, por mais que tenha cometido crimes, merecesse tanto sofrimento. Tentou ainda uma vez levantar a pesada cruz usando as costas. Sentiu a viga da madeira bruta penetrar em sua carne. O grito que se ouviu foi uma mistura de dor e obsessão: tinha que conseguir. O desespero começava a tomar conta de Simão. Minutos naquela luta pareciam horas. Ele não tinha muito tempo: se não contribuísse para a marcha, se não fizesse o condenado andar com sua ajuda seria considerado um entulho e teria falhado na missão de ajudar aquele desconhecido.

Os soldados se irritavam e alguns já empurravam Simão. Outros mais distantes gritavam para os mais próximos: **vamos com isso! Temos um longo caminho a percorrer, não deixem que este homem atrapalhe a marcha, tirem-no daí!** Sem mais forças e já com lágrimas nos olhos, o franzino camponês parecia desistir; já ia se afastar quando tocou na mão do Cristo e olhou em seus olhos como quem quisesse dizer: **eu tentei meu amigo, mas infelizmente não consegui.**

Simão não se apercebeu, mas Jesus já o observava. Já tinha percebido a sua presença e intenção, apesar de toda aquela multidão ao seu redor e o olhava de maneira acolhedora. O rosto inchado daquele que iria ser crucificado não permitiu um sorriso, mas o brilho em seus olhos deixou claro que o pequeno homem fez o que se propôs: definitivamente, Simão tinha cumprido sua missão. De repente, Jesus se ergueu do chão. A cruz, que até então parecia insustentável e inabalável, moveu-se com certa rapidez. Simão, agora mais aliviado, aproveitando-se da situação se colocou embaixo da cruz, logo atrás daquele que seria crucificado, e ambos começaram a andar.

O jovem do campo não conseguiria erguer aquela cruz por mais que se esforçasse, pois era o peso do próprio mundo que estava sobre ela. Nenhum homem nascido da mulher conseguiria carregar a cruz destinada a Jesus. Somente ele, o filho legítimo de Deus, suportaria tal peso. Mas, a simples vontade de ajudar de Simão fez renascer no Cristo a confiança na humanidade. Agora ele sentia que valia a pena continuar em frente; que valia a pena todo o sacrifício. Por amor a todos nós, Jesus iria até o fim de sua jornada. Voltando-se para os céus, Jesus agradeceu ao Pai por lembrar da sua missão e agradeceu ao novo amigo Simão que apareceu no momento certo para lhe ajudar. O grande amigo estava logo ali atrás do filho do Altíssimo, acompanhando-o, dando-lhe apoio e o incentivando a chegar ao seu destino.

Simão, o Cireneu que sequer o conhecia, foi o amigo que Jesus precisava naquela hora. Apesar de não poder ajudar fisicamente, o pequeno camponês, com sua força espiritual e a sua bondade, motivaram o filho de Deus a continuar sua jornada. O desejo de ajudar, a boa vontade de Simão para com o seu próximo salvou a humanidade. Simão amou Jesus, foi o seu melhor amigo e fez com que ele continuasse acreditando na humanidade. O amor de Simão neutralizou o sentimento de descrença que nascia em Jesus e fez renascer a esperança do mestre dos mestres no homem. E foi um homem e não um deus que mostrou que a humanidade valia a pena, que nós podemos

tudo e que igualmente a Jesus cumpriremos nossa missão porque fomos feitos à imagem e semelhança de Deus.

Amizade é algo que deve ser cultivado. Um verdadeiro amigo ajuda a carregar a cruz e a minimizar os sofrimentos impostos pela vida. Feliz do homem que toma sua cruz e a carrega com resignação. Feliz do homem que encontra na jornada da vida um amigo que o ajude a conduzi-la e que o faça lembrar que no final do percurso a recompensa será imensamente prazerosa, como jamais poderia sonhar ou imaginar e que por esse motivo devemos sempre continuar em frente. Não podemos nos esquecer nunca que a caminhada será menos difícil se ao nosso lado estiver um amigo verdadeiro que nos acompanhe e nos incentive.

(*) É juiz titular da 4ª vara de Palmeira dos Índios